Capítulo 1

Amelia

Isto está certo, não está? Estou bem?

Respiro fundo e aperto mais os dedos no volante.

— Sim, Amelia, estás bem. Na verdade, estás ótima. És tal e qual a Audrey Hepburn, a tomar o controlo da tua vida, eeeee… estás a falar sozinha… por isso talvez não estejas inteiramente bem, mas, dadas as circunstâncias, mais ou menos bem — digo, semicerrando os olhos à estrada escura do lado de lá do meu para-brisas. — Sim. Mais ou menos bem serve.

Só que está completamente escuro, e o meu carro está a fazer um barulho que parece moedas soltas num tambor de máquina de secar. Não sou nenhuma especialista em automóveis, mas parece-me que não é um bom som para um carro fazer. O meu querido Toyota Corolla favorito, o carro que tem estado comigo desde o secundário, o carro em que estava sentada quando ouvi pela primeira vez a minha canção na rádio, aos dezoito anos, o carro em que conduzi até à Phantom Records e assinei o meu contrato discográfico, há dez anos, está a chegar ao fim da linha. Não pode morrer, ainda tem o cheiro das minhas joelheiras de voleibol impregnado no tecido.

Não, hoje não, Satanás.

Esfrego o *tablier* como se pudesse haver um génio escondido lá dentro, que me oferecesse três desejos. Em vez de desejos, é-me oferecida a

perda da rede móvel. A música que tenho em *streaming* cala-se, e o meu Google Maps já não mostra a pequena seta que é suposto conduzir-me para fora desta estrada do interior-no-meio-de-lado-nenhum-tipo-assassino-em-série.

Credo! Parece o começo de um filme de terror. Acho que sou a rapariga do filme a quem as pessoas gritam «és uma idiota!», enquanto migalhas de pipocas caem dos seus sorrisos ávidos. Ó, caramba, isto terá sido um erro? Receio que tenha deixado a sanidade mental em casa, em Nashville, com o meu portão de ferro e o meu sistema de segurança tipo Fort Knox. E com Will, o meu fabuloso segurança, que ocupa um posto no exterior da minha casa e impede que as pessoas se esgueirem para o interior da propriedade.

No início da noite, a minha empresária, Susan, e a sua assistente, Claire, enviaram-me informação sobre o meu horário assoberbado para as próximas três semanas, antes de sairmos numa *tournée* mundial de nove meses. O problema é que acabei agora mesmo o último dia de uns extenuantes três meses de ensaios para a *tournée*. Quase todos os dias dos últimos três meses foram dedicados a aprender a coreografia dos concertos, as posições no palco, a consolidar o repertório, a fazer exercício rigoroso e a ensaiar as canções, sempre a sorrir e a fingir que, por dentro, não me sinto uma pilha de estrume a apodrecer.

Sentei-me em silêncio, enquanto Susan falava e falava, o seu dedo longo e esguio, perfeitamente arranjado, a deslizar infindavelmente pelo ecrã do iPad, cheio de anotações no calendário. Anotações que deviam entusiasmar-me. Que devia sentir-me honrada por ter! Mas algures no meio disto tudo, eu… desliguei. A sua voz assumiu o tom *uah*, *uah*, *uah* do Charlie Brown e eu não conseguia ouvir mais nada a não ser o meu próprio coração a bater-me nos ouvidos. Alto e doloroso. Fiquei completamente dormente. E o que me assustou mais foi que Susan pareceu nem reparar.

Faz-me perguntar-me se serei demasiado boa a esconder. Os meus dias são assim: sorrio para aqui, para esta pessoa, e aceno com a cabeça. *Sim, obrigada*. Sorrio para ali, para aquela pessoa, e aceno com a cabeça. *Sim, claro que posso fazer isso*. Susan dá-me um guião perfeitamente preparado pela minha equipa de relações públicas e eu memorizo-o.

A minha cor favorita é azul, muito parecido com o do vestido Givenchy que vou usar para os Grammys. Mas sim, claro que devo muito do meu sucesso à minha mãe amorosa e dedicada. Não há dia em que não me sinta incrivelmente abençoada por ter esta carreira e estes fãs espetaculares.

Educada, educada, educada.

Uma lágrima gorda e quente cai-me na coxa e apercebo-me de que estou a chorar. Não me parece que devesse estar a chorar, ao pensar nestas coisas. Ganhei duas vezes um Grammy e tenho um contrato de noventa milhões de dólares com uma discográfica de topo no mercado, por isso não devia estar a chorar. Não mereço estar a chorar. E não devia, sem dúvida nenhuma, estar no meu velho carro, no meio de lado nenhum, a conduzir como uma desvairada para longe de tudo. A lista de pessoas que vou desapontar desenrola-se na minha cabeça como um pergaminho, e mal posso suportar a culpa. Nunca falhei uma entrevista até hoje. Detesto desapontar as pessoas ou agir como se o meu tempo valesse mais do que o delas. No início da minha carreira, jurei que nunca me tornaria arrogante. É importante para mim ser tão amável quanto possível — mesmo que doa.

Mas algo nas palavras de despedida de Susan esta noite deu cabo de mim.

— Rae — Porque prefere tratar-me pelo meu nome artístico do que pelo meu nome verdadeiro, que é Amelia —, estás com um ar cansado. Dorme mais horas esta noite, para não estares inchada nas fotos de bastidores da tua entrevista com a *Vogue* amanhã. Embora… o ar esgotado esteja na moda outra vez…

Olhou pensativamente para o teto, e eu quase esperava que Deus lhe enviasse uma resposta acerca dos papos debaixo dos meus olhos.

— *Yep*, esquece o que eu disse! Vai despertar compaixão nos fãs e criar mais burburinho.

Voltou-se e saiu. A sua assistente, Claire, parou apenas um instante para me lançar um olhar hesitante sobre o ombro. Abriu a boca, como se fosse dizer alguma coisa, e dei por mim a desejar desesperadamente que o fizesse. *Vê-me, por favor*.

— Boa noite — acabou por dizer, e depois foi-se embora.

Fiquei sentada no silêncio ruidoso muito tempo, a perguntar-me como me tinha deixado chegar àquele ponto. E como é que rastejava para fora da concha que acidentalmente tinha criado? Esta sensação de vazio começou a preencher-me há uns anos, e tive esperança de que fosse por estar farta do estilo de vida de L.A. e precisar de uma mudança. Fiz as malas e mudei-me para Nashville, Tennessee, onde ainda podia estar na cena musical, mas não tinha uma vida com tanta visibilidade. Não resultou. O vazio seguiu-me.

Algumas pessoas viram-se para a família com questões como essa, algumas para os amigos, e algumas para as Bolas 8 Mágicas. Mas eu volto-me para a única pessoa que nunca me deixa ficar mal: Audrey Hepburn. Esta noite, fechei os olhos e passei o dedo sobre a minha coleção de caixas de DVD da Audrey (sim, ainda tenho um leitor de DVD) enquanto fazia o jogo do pim-pam-pum até aterrar no *Férias em Roma*. Pareceu-me cataclísmico. Nesse filme, Audrey faz o papel da Princesa Ann, que se sente mais ou menos como eu me tenho sentido — sozinha e sobrecarregada — e escapa para a noite, para explorar Roma. (Bem, é mais vagueia para a noite, uma vez que está atordoada com um medicamento para dormir, mas isso não interessa nada.)

E de repente, foi isso. A resposta que procurava. Precisava de escapar daquela casa, de Susan, das minhas responsabilidades, de absolutamente tudo, e fugir para Roma. Só que a Itália é demasiado longe para viajar, quando vou partir em *tournée* daqui a três semanas, por isso contentei-me com a Roma mais próxima que os mapas do Google me ofereciam. *Roma, Kentucky*. A exatamente duas horas da minha casa, com um *Bed & Breakfast* encantador mesmo no centro da cidade, segundo o Google. Perfeito para me recompor e ultrapassar um esgotamento.

Por isso, fui à minha garagem com três automóveis, passei pelos outros dois veículos caros que tenho, e puxei a lona do meu querido carro velho, que mantive guardado nos últimos dez anos. Pu-lo a funcionar, e saí à procura de Roma.

E agora estou numa estrada sinistra do interior, e creio que alguma da dormência emocional está a passar-me, porque começo a perceber o ridículo desta ideia. Algures no paraíso, Audrey está a olhar para baixo com a sua auréola e a sacudir a cabeça na minha direção. Deito

um olhar ao ecrã brilhante do meu telefone. As palavras *sem rede* estão pespegadas onde geralmente ficam as barras do sinal, e juro que, não sei como, as palavras estão a piscar para mim. A provocar-me. *Fizeste uma má escolha. Agora vais ser a próxima história no* Dateline.

Engulo em seco e digo a mim própria que vou ficar ótima. Sem problemas. Está tudo bem.

— Seca as lágrimas e acaba com esta atitude pessimista, Amelia! — digo alto, para mim própria, porque com quem mais pode falar uma rapariga, quando está sozinha no carro, no meio de um esgotamento mental?

Só preciso de que o meu carro continue a andar mais dez minutos, até sair desta estrada de interior assustadora-como-a-merda e chegar ao B&B da cidadezinha. Depois, ficarei feliz por permitir ao meu carro a morte digna que ele merece — onde há iluminação pública, e, espero, nenhum Joe-Saloio-Assassino-em-Série à espera para largar o meu corpo numa vala qualquer.

Mas, oh, estão a ver? O meu carro agora tem um novo som engasgado e está aos saltos… literalmente *aos saltos*, como se estivéssemos no início dos anos 2000 e lhe tivesse instalado hidráulica. Só preciso de umas luzes roxas por baixo do carro e estou pronta para viajar no tempo!

— *Não, não, não* — imploro ao meu carro. — *Não me faças isto agora!*

Mas faz.

O meu carro engasga-se e para de forma muito pouco digna, à beira da estrada completamente às escuras. Tento desesperadamente pô-lo a funcionar outra vez, mas ele não quer. Uma série de cliques é tudo o que faz. As minhas mãos ainda estão apertadas com força no volante e olho para a noite silenciosa, enquanto a conclusão me cai em cima. Tentei aguentar-me sozinha, sem a ajuda de Susan, *numa* única aventura e falhei nas primeiras duas horas da primeira noite. Se não é a coisa mais patética que já ouviram, não sei o que será. Claro que sou capaz de cantar no palco em frente de milhares, mas não sou capaz de uma coisa tão simples como conduzir sozinha até ao estado ao lado.

Uma vez que não posso fazer nada, a não ser sentar-me no carro e esperar até de manhã, quando o sol se levantar e puder ver com clareza se alguém está ou não a brandir uma serra elétrica na minha direção,

encosto a cabeça no banco e fecho os olhos. Deixo-me levar pela derrota. Amanhã de manhã, descubro uma maneira de ligar a Susan. Digo-lhe que envie um automóvel e forço-me a sair desta disposição melancólica.

Toc toc toc.

Grito, salto no lugar e bato com o alto da cabeça no teto. Olho pela janela e, oh merda, está uma pessoa de pé ao lado do carro! É agora. É este o momento em que sou assassinada, e depois a história real da minha morte vai para o ar no *E Hollywood News*, e só serei lembrada pelo meu falecimento macabro no campo.

— Está tudo bem? Precisa de ajuda? — diz a voz abafada do homem ao lado do carro.

Faz incidir a luz de uma lanterna pela minha janela, cegando-me temporariamente. Levanto as mãos para proteger os olhos da luz, e também para lhe obstruir a visão, para que não me reconheça.

— Não, obrigada! — grito através da janela fechada, o coração a bater furiosamente contra as costelas. — Estou ótima! N… não preciso de ajuda!

E de certeza não de um estranho, no meio da noite.

— De certeza? — diz ele, apercebendo-se finalmente de que está a perfurar-me os olhos com a lanterna e desviando-a do meu rosto. Reconheço que tem uma voz agradável. Um pouco rouca e doce ao mesmo tempo.

— De certeza! — digo, num tom animado, porque pode estar tudo a ruir à minha volta, mas pelo menos ainda sei como conjurar afabilidade. — Está tudo sob controlo!

Faço um sinal de *okay* com a mão, para garantir.

— Parece que o seu carro foi abaixo.

Não posso admiti-lo! Estaria basicamente a dizer-lhe que sou um alvo fácil. *E o meu telefone também não tem rede! Quer que eu saia, para poder raptar-me, ou acha mais divertido partir você próprio a janela? Escolha a sua própria aventura!*

— *Nope*. Só estou… a descansar um bocadinho.

Sorrio, tensa, e mantenho a maior parte do meu rosto desviado, na esperança de que ele não perceba que uma artista que vale milhões está ali sentada, no seu Corolla velho.

— O motor do seu carro está a deitar fumo. — Dirige a luz da lanterna para a nuvem densa de fumo que se escapa de debaixo do capô. Aquilo não pode ser bom.

— Ah… sim — digo, com toda a descontração possível. — Por vezes faz isso.

— O motor do seu carro deita fumo muitas vezes?

— Mm-hmm.

— Não consigo ouvi-la.

— Mm-hmm — digo, mais alto e com mais animação.

— Certo. — Não acredita em mim. — Ouça, é melhor sair. Não é seguro ficar dentro de um veículo a deitar fumo.

Ah! Isso era o que ele queria, não? Bom, nem pensar que saio deste carro. Mesmo que ele tenha uma voz agradável.

— Não, obrigada.

— Não vou assassiná-la, se é o que está a pensar.

Eu arquejo e olho para a silhueta escurecida do homem.

— Porque é que havia de dizer isso? Agora acho mesmo que vai matar-me.

— Bem me parecia — diz ele, soando irritado. — O que é que preciso de fazer para lhe provar que não sou um assassino?

A minha testa franze-se, enquanto penso nisso.

— Nada. Não há nenhuma maneira de prová-lo.

Ele solta um resmungo baixo e avança para a frente do meu carro, e fica de pé em frente dos faróis. O Joe-Saloio parece-se muito com um Ken-da-Vida-Selvagem. Veste *jeans* e uma simples *t-shirt* branca. O seu cabelo alourado é curto aos lados, mas mais longo em cima. Uma barba curta e desalinhada cobre o seu maxilar forte, e deixem-me dizer-lhes, combina bem com os ombros largos, corpo esbelto, e bíceps que se movem de forma atraente, quando bate no capô do meu carro. O efeito geral é… agreste, de uma forma que me faz desejar que o meu ar condicionado estivesse a funcionar.

— Pode abrir o capô, para me assegurar de que não há nada a arder?

Hum-hum. Lamento, mas não. *Sexy* ou não, não abro o capô de maneira nenhuma. E se… Bem, para ser franca, não sei nada sobre carros

e não faço ideia do que ele pode fazer para piorar esta situação, mas de certeza que pode fazer alguma coisa.

— Obrigada, mas não preciso da sua ajuda! Espero pela manhã e chamo um reboque — grito, alto o suficiente para ele me ouvir. Ele cruza os braços.

— Como é que vai chamar um reboque? Não temos rede móvel aqui.

Bem, bolas. Nisso tem razão.

— Não se preocupe com isso. Eu arranjo-me. Só tem de voltar para o lugar de onde veio.

Provavelmente, para um arbusto ali perto, onde vai ficar à espera, para me atacar assim que sair do meu veículo seguro. E sim, percebo que estou a ser um bocadinho paranoica de mais, mas, quando estamos habituados a ter perseguidores que tentam trepar a vedação da nossa casa, fingem ser o canalizador para passar pelo segurança, e/ou nos enviam mechas do seu cabelo, a pedir-nos que o deixemos debaixo da nossa almofada à noite, tendemos a desenvolver uma sensação de paranoia perante estranhos. Razão pela qual NUNCA devia ter saído de casa sozinha. Preciso de aceitar o facto de que eu já não sou só *eu*, e nunca mais vou ser.

Ken-da-Vida-Selvagem não se afasta. Volta para a minha janela e debruça-se outra vez, uma mão plantada com firmeza sobre a minha porta, a mostrar-me como são amplas as suas asas.

— Um motor a deitar fumo não é bom. Precisa de sair. Prometo-lhe que não lhe faço mal, mas vai ficar mal se o carro pegar fogo. Juro que sou de confiança.

— Isso é o que dizem todos os assassinos… antes de assassinarem alguém.

— Tem conhecido muitos assassinos?

Um ponto para o Ken-da-Vida-Selvagem.

Sorrio e tento soar tão gentil quanto possível.

— Desculpe, mas… pode ir-se embora? Mesmo, não quero ser mal-educada, mas… está a deixar-me um bocado nervosa.

— Se me for embora, sai do carro?

Solto um riso atrofiado.

— Agora, definitivamente, não saio! Mas afinal de onde é que você apareceu?

O homem acena com a cabeça para o outro lado do meu carro e não soa nada impressionado, quando diz:

— Está no meu jardim da frente.

Oh!Volto-me e é verdade, parei o carro no jardim de uma casa. A dele, pelos vistos. Não posso deixar de sorrir perante a casa, tão gira. Pequena. Branca. Portadas pretas. Duas luzes aos lados da porta da frente, um baloiço pendurado no alpendre da frente. Um terreno vasto em redor. Parece acolhedor.

— Acho que sei a resposta, mas quer entrar e telefonar a alguém? — diz ele. — Tenho telefone fixo.

Rio-me tão alto da sua sugestão, que ele recua. Oh céus, fui mal-educada. Aclaro a garganta.

— Desculpe. Não. Obrigada… mas não — digo, desta vez com solenidade.

— Pronto. Faça como quiser. Se precisar de alguma coisa e decidir que não sou um homicida, estou lá dentro.

Faz um gesto em direção à casa e volta a erguer-se em toda a sua altura. Observo-o, enquanto atravessa o longo jardim da frente e a sua sombra desaparece dentro de casa. Depois de fechar a porta da frente, suspiro de alívio e afundo-me no banco, a tentar não me preocupar com o fumo que ainda sai do motor do meu carro, ou com o calor que está aqui dentro, ou com a fome que tenho, ou com o chichi que preciso mesmo de fazer, ou com o desapontamento de Susan comigo, quando perceber que não apareço na entrevista de manhã.

Não estou bem. Definitivamente, *não* está tudo bem.

Capítulo 2

Noah

Ela ainda lá está. Passaram vinte minutos, e ela ainda nem entreabriu a porta. E sim, estou a observá-la sinistramente da janela, a agir como o psicopata que ela acha que sou. Que fique registado que não sou — embora não tenha a certeza de que a minha opinião de facto conte, nesta situação. Estou, porém, um pouco preocupado que ela possa morrer esta noite. Estão 27 graus lá fora e ela não está a deixar o carro ventilar. Aquela mulher vai asfixiar-se a si própria ali fora.

Que se lixe, não é problema meu.

Fecho os estores e afasto-me da janela.

E depois regresso e volto a entreabri-los.

Raios, saia do carro, mulher.

Olho para o relógio. *Onze e meia da noite*. Dirijo uma prece a quem possa estar a ouvir, para que Mabel não fique demasiado danada comigo quando lhe ligar e a acordar. Depois de marcar o seu número, tenho de esperar seis toques até a sua voz arranhada de quarenta-anos-a--fumar-mas-larguei-recentemente responda.

— Quem é?

— Mabel, é o Noah.

Ela rabuja um nadinha.

— O que queres, filho? Já estava a dormitar na minha cadeira esta noite, e tu sabes que tenho insónias, por isso é bom que seja importante.

Sorrio.

— Acredita, Mabel, não perturbava o teu sono de beleza se não fosse uma emergência.

Ela age como uma durona, mas tem um coração mole por mim. Mabel e a minha avó eram melhores amigas — na verdade, mais como irmãs. E uma vez que foi a minha avó quem me criou, e às minhas irmãs, Mabel também nos tratou sempre como família. Temos uma aparência diferente, Mabel é negra e eu branco, mas partilhamos a mesma antipatia por gente a meter-se nos nossos assuntos. (E no entanto ela fica muito satisfeita por estar sempre a meter-se nos meus.)

— Emergência? Noah, não me enroles. A tua casa está a arder, filho?

Chama-me filho desde que eu usava fraldas e continua, apesar de eu já ter trinta e dois anos. Não me importo. É reconfortante.

— Não, minha senhora. Preciso que fale com uma mulher por mim.

Ela tosse, incrédula.

— Uma mulher? Querido, é bom saber que estás outra vez à procura, mas só porque te sentes sozinho a meio da noite, não quer dizer que tenha uma lista de senhoras em marcação automática, prontas para…

— Não — digo com firmeza, antes que ela continue com o que, de certeza, seria um conjunto de palavras que nunca quero ouvir da sua boca. — A mulher está no meu jardim da frente.

Ouço o chiar de uma cadeira e imagino Mabel a fechar a sua poltrona reclinável EZ Boy e a sentar-se direita.

— Noah, diz-me, estás bêbedo? Não faz mal se estiveres, já sabes que eu não julgo. Disse muitas das minhas melhores orações ao Senhor depois de uma noite com o Jack Daniel's, mas deves telefonar ao James ou a alguma das tuas irmãs quando estás bêbedo, não…

Vai falar e falar, se não a travar.

— Mabel, o carro de uma mulher avariou no meu jardim e o motor está a deitar fumo, mas ela tem medo de sair porque acha que vou fazer-lhe mal. Preciso que sejas a minha testemunha abonatória, para ela tirar o raio do rabo de dentro do carro.

Telefonava a uma das minhas irmãs, mas elas de certeza diziam alguma coisa despropositada sobre há quanto tempo não durmo com uma mulher e depois perguntavam à mulher sobre o seu estado civil.

— Oh, bem, querido, porque é que não disseste logo! Mexe-te daí e deixa-me falar com a pobre rapariga!

Ouço um cintilar de excitação na voz de Mabel, que não aprecio nem quero encorajar. A cidade toda tem andado em cima de mim ultimamente para voltar a sair com alguém, mas não estou interessado. Quem me dera que me deixassem sossegado com isso e me deixassem viver em paz, mas não é o estilo deles. E agora que penso nisso, também não tenho a certeza de que Mabel não vá dizer algo semelhante ao que as minhas irmãs diriam.

Espreito pelos estores outra vez e vejo a mulher a abanar-se agressivamente com a mão. Juro que, se tiver que chamar os paramédicos e passar a noite toda sem dormir no hospital com esta mulher estranha, porque ela causou um golpe de calor a si própria ali fora, nunca mais volto a abrir a porta da frente. Estou à distância de *mais uma mulher a estragar-me a vida* de entaipar as janelas todas e tornar-me um eremita que grita palavrões a quem vem cantar canções de Natal à porta.

— Não te ponhas com ideias, Mabel. Não é uma coisa romântica. Só não quero que morra ao calor ali fora.

— Mmmm-hmmm. É bonita?

Aperto a cana do nariz e fecho os olhos contra a irritação que se acumula na minha coluna.

— Está escuro como o breu lá fora. Como é que posso saber?

— Oh, por favor. Fiz uma pergunta. Conto com uma resposta.

Solto um gemido rouco.

— Sim.

Tão bonita, caramba. Só a vi brevemente com a lanterna, mas o que vi fez-me olhar outra vez. Tem cabelo escuro, num carapito no alto da cabeça, um sorriso bonito, pestanas espessas e perspicazes olhos azuis. O estranho é que me parece que a conheço, embora nunca tenha visto o seu carro na cidade antes. Deve ser uma daquelas circunstâncias estranhas de *déjà vu*.

— Bem, então, leva-me à tua beleza — diz ela, com um suspiro satisfeito.

— Mabel…

Uso o meu tom de aviso, enquanto abro a porta da frente e saio. O calor do verão ameaça estrangular-me de imediato, e pergunto-me como é que a mulher sobreviveu tanto tempo no carro, com as janelas fechas e sem ar condicionado.

— Oh, chiu! Não é todos os dias que te cai uma mulher no colo desta maneira, por isso fecha a matraca e passa-lhe o telefone.

Esta é a consequência de ter vivido em Roma, Kentucky, a vida quase toda. Os vizinhos ainda me veem como o rapaz que corria pela cidade na sua roupa interior do Super-homem. Deixo a porta da frente entreaberta, para não trilhar o fio do telefone e atravesso o jardim, em direção ao pequeno automóvel branco. Está demasiado escuro ali fora para ver os seus traços sem lhe atirar com a luz da lanterna outra vez, mas vejo o contorno do seu rosto virar-se na minha direção.

E depois atira imediatamente o banco para trás. Está a tentar enganar-me, para pensar que não está lá dentro. Recuso-me a sorrir do ridículo daquilo.

Quando bato na janela, ela guincha.

Assustadiça.

— Ei… — *Você? Mulher? Senhora que neste momento está a matar a relva do meu jardim?* — *Ugh*, tome. Tenho aqui uma amiga ao telefone. Vai ser a minha testemunha abonatória, para sentir que é seguro sair do carro.

A mulher puxa a alavanca do banco e este dispara para cima. Ela grita, e tenho de morder o interior das bochechas. Os seus grandes olhos espreitam-me através do vidro e, infelizmente, não há luz suficiente para perceber de onde a conheço, mas agora estou convencido que sim.

Ela franze o sobrolho.

— Como é que agora tem rede?

— Não tenho. — Levanto o telefone para ela o ver.

Os seus olhos caem sobre ele e ri-se.

— O que é isso?!

Pensar-se-ia que tinha na mão uma espécie rara de animal, pela forma como olha de boca aberta e se ri.

— É em geral conhecido como um telefone.

— Sim, mas… — Para, para deixar sair outra gargalhada deliciada, e o som envolve-me como uma brisa fresca. — Roubou-o de um museu de história dos anos cinquenta? Há uma manequim, com um vestido de quadradinhos azuis e bandelete a combinar, que não vai receber a chamada do marido, a dizer que vai chegar atrasado para o jantar! Oh, meu Deus, esse fio deve ter quinze metros!

Estreito os olhos.

— Vai abrir a janela ou não, Boca Grande?

As suas sobrancelhas arqueiam-se.

— Chamou-me… *Boca Grande?*

— Sim.

E não vou pedir desculpas. Não estou a tentar ficar seu amigo ou fazê-la sentir-se confortável — e para além disso, ela insultou o meu telefone. Adoro o meu telefone. É um bom telefone.

Estranhamente, o seu rosto abre-se num sorriso completo, lindo, e ela ri-se.

Faz o meu estômago apertar-se, e o meu coração bater enfurecido. Mando-os calar e portar-se bem, a ambos. Não vou sentir nada por outra mulher que está só de passagem pela minha cidade. Vou ajudá-la esta noite porque 1) é a coisa certa a fazer; 2) para ela não morrer no meu jardim da frente; e 3) para a mandar de volta à porra do caminho por onde veio.

— *Okay*, então está bem.

Entreabre a janela cinco centímetros, para eu poder deslizar o telefone para dentro. Os nossos dedos roçam nessa troca e todo o meu corpo reage, porque pelos vistos não estava a prestar atenção ao discurso ameaçador que lhe fiz há um minuto. A mulher arranca o telefone para dentro do carro e volta a subir a janela, antes que eu possa meter uma forquilha pela fresta e empalá-la.

Olha para o telefone com desconfiança, antes de levá-lo ao ouvido.

— Alô?

Percebo de imediato que Mabel tomou conta da conversa, porque os olhos da mulher duplicam de tamanho e ouve com atenção absoluta. Cinco minutos mais tarde, rolam-me gotas de suor pela parte de trás do

pescoço, enquanto me curvo, de braços cruzados sobre o capô, à espera que a Boca Grande acabe de se rir às gargalhadas com Mabel.

— Ele não fez! — diz ela, praticamente a uivar de riso e sei que está na hora de recuperar o telefone. Vou até à porta e bato na janela.

— Acabou o tempo. Sai ou não?

Ela estica um dedo e acaba a conversa com Mabel.

— Ahã… Ahã… sim. *Okay*, também gostei muito de falar consigo!

Sou forçado a recuar quando, surpresa das surpresas, a mulher abre a porta do carro e sai, devolvendo-me o telefone. De pé, dá-me pelo queixo, mas o seu carrapito desalinhado e escuro chega ao cimo da minha cabeça. Não quero admiti-lo, mas é gira — com classe. Tem vestida uma *t-shirt* às riscas azuis-escuras e brancas, metida dentro de calções brancos, como os de antigamente. São do tipo que fica alto na sua cintura estreita, se cola à curva suave das suas ancas, e termina no cimo das coxas. Ela ficava bem num barco à vela, numa foto a preto e branco — não é daqui, de certeza absoluta. Vai-se embora enquanto o diabo esfrega um olho, por isso não vale a pena admirar o seu aspeto.

Ela volta-se para mim, mas o seu olhar salta nervosamente entre mim e a minha casa.

— A sua amiga, a senhora Mabel, deu-lhe uma ótima recomendação, Noah Walker.

Diz o meu nome com um ênfase avarento, a vangloriar-se por saber o meu nome e eu não saber o seu.

— Fantástico, que alívio. — O meu tom é o Deserto do Sahara. Cruzo os braços. — E você é?

Qualquer descontração que ela tivesse começado a sentir desaparece, e dá um largo passo para trás, ansiosa por voltar a arrastar-se para dentro daquela armadilha mortal.

— Porque é que precisa de saber o meu nome?

— Essencialmente para saber a quem enviar a conta das sementes para a minha relva.

Não é minha intenção soar amistoso ou como se fizesse uma piada, mas ela parece interpretá-lo assim.

Sorri e relaxa outra vez. Não estou certo de querer que se sinta descontraída. Na verdade, tenho um impulso forte para lhe dizer que não se ponha de todo confortável.

— Fazemos assim — diz ela, com um sorriso brilhante de camaradagem, que eu não devolvo. — Deixo algum dinheiro no balcão para si, amanhã de manhã.

No silêncio profundo que se segue à sua declaração, ergo uma sobrancelha e ela apercebe-se por fim do que acabou de dizer.

— Ah! *Não*. Não queria dizer… não acho que seja um prostituto. — Faz uma careta. — Não é que não pudesse ser se…

Levanto uma mão.

— Pode parar por aí.

— Graças a Deus — sussurra ela, baixando o olhar enquanto desliza os dedos pelas têmporas.

Quem raio é esta mulher? Porque é que conduzia pela minha cidadezinha de interior a meio da noite? Está assustadiça. Está uma tagarela nervosa, e dá a impressão de uma mulher em fuga.

— Pode ficar no meu quarto de hóspedes esta noite, se quiser. Tem uma tranca, para se sentir segura enquanto dorme… A não ser que haja alguém a quem possa telefonar esta noite, que possa vir buscá-la?

— Não — diz ela apressadamente.

Não consigo ler a sua expressão. É reservada, mas desafiadora ao mesmo tempo, e raios partam, quem me dera ter mais luz aqui fora. Há algo acerca dela que o meu cérebro tenta decifrar, mas não consegue.

— Eu… — Ela hesita, como se estivesse à procura das palavras certas. — Na verdade, dirigia-me a um *B&B* aqui perto, para passar um tempinho longe do trabalho. Por isso… por estranho que possa parecer, creio que vou aceitar a sua oferta para usar o seu quarto de hóspedes esta noite, e amanhã posso telefonar para me rebocarem o carro para alguma oficina onde o arranjem?

Porque é que a frase soa como uma questão? Como se estivesse à espera que eu confirmasse que é uma boa ideia.

— Claro — digo, com um encolher de ombros que comunica que não me interessam os seus planos, desde que não incluam fazer mais nada por ela.

Ela acena uma vez com a cabeça.

— Nesse caso, *okay*. Sim… vamos… ver a sua casa, Noah Walker.

Uns minutos mais tarde, depois de ajudá-la a tirar uma mala do porta-bagagens e de carregá-la até à minha porta da frente, entro em casa e seguro a porta para ela entrar. Quando passa por mim, o seu cheiro suave, doce, flutua sob o meu nariz. Contrasta de tal forma com a minha casa com aroma a *eu* — que me baralha o cérebro por um segundo. Pega num grande apagador e esborrata os meus habituais pensamentos *estou bem sozinho* e rabisca pequenos corações irritantes.

Ela hesita, de costas para mim, observando a minha sala de estar. Não é grande coisa, mas pelo menos também não é um lixo. As minhas irmãs ajudaram-me a mobilar a casa, depois de eu a renovar, dizendo que precisava de uma decoração Casa Tradicional de Quinta, o que raio signifique isso. Só sei que agora tenho umas merdas rústicas, com ar de madeira, que me custaram os olhos da cara e um grande sofá branco e confortável, que raramente uso porque prefiro a poltrona de cabedal no meu quarto. Mas é acolhedor. Ainda bem que me convenceram a fazê-lo e não me deixaram continuar a viver como um solteiro miserável, quando me mudei novamente para aqui.

Os meus olhos seguem do sofá para os pequenos fios de cabelo escuro que se agarram às gotas de suor na parte de trás do pescoço dela. E então, como se sentisse o meu olhar sobre ela, ela volta-se bruscamente Os seus olhos colidem com os meus, e o meu estômago cai de um precipício. Agora faz sentido que ela não quisesse dizer-me o seu nome. Que não quisesse sair do carro. Que parecesse estar com os nervos em franja este tempo todo. Sei exatamente quem é a Boca Grande, e quaisquer orações que Mabel esteja neste momento a enviar aos céus são um desperdício, porque eu *não* vou permitir-me criar laços com esta mulher de maneira nenhuma.

— É a Rae Rose.